

Formação de professores e as contribuições dos estagiários nas aulas de Música da Rede Municipal de Florianópolis

Gislene Natera

Prefeitura de Florianópolis e Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC

gislennenatera@gmail.com

Resumo: Este relato de experiência aborda as contribuições de estagiários em música dentro do espaço escolar. Trata-se de reflexões realizadas por uma profissional que atua como professora de música na escola pública (cooperante) e, ao mesmo tempo, como professora-orientadora no campo de estágio universidade. Tem como objetivo estimular o debate sobre a formação de professores tendo como base os pilares do conhecimento, observando as diversas relações vivenciadas pelos estagiários nesse processo. As reflexões fundamentam-se a partir de Delors (2003), mas também em estudos de profissionais da área de educação musical como Hentschke; Azevedo; Araújo (2006), Penna (2007) e Mateiro (2003). Conclui-se que o Estágio é uma grande oportunidade de pesquisas e reflexões que atingem e fortalecem os conhecimentos de todos os professores e estudantes envolvidos, tanto da escola como da universidade.

Palavras chave: música, estágio, formação.

Introdução

Conhecimento não é coisa de cabeça nem de pensamento. É coisa do corpo inteiro, dos rins, do coração, dos genitais. [...] Conhecimento é coisa erótica, que engravida. Mas é preciso que o desejo faça o corpo se mover para o amor. Caso contrário, permanecem os olhos, impotentes e inúteis... Para conhecer é preciso primeiro amar. (RUBEM ALVES, 2002, p. 105)

A música representa uma forma de expressão que proporciona ao ser humano diferentes possibilidades de dialogar, refletir, compreender e dar novo significado ao mundo, estando presente em diferentes momentos de nossas vidas. Da mesma forma, é necessário reconhecer que a música possui dois campos de atuação na educação: um primeiro que se estabelece naturalmente, sem preocupações estéticas, como nas brincadeiras e jogos musicais, chamadas por Schroeder (2007, p. 3) de gênero “primário” e outro que busca ver a música como objeto de reflexão, chamado de gênero “secundário”.

Na Escola Básica Municipal Prof. Mâncio Costa, em que fui efetivada este ano no período matutino, a música está bastante presente. Além de percorrer todos os espaços escolares nos fones de ouvidos de celulares dos adolescentes cotidianamente (nas entradas, saídas e recreios), nas brincadeiras infantis das crianças pequenas, em algumas atividades dos pedagogos e professores de educação física, ela ocupa um lugar oficial dentro do currículo escolar através da disciplina Artes/ Música com educadores musicais. Ou seja, ela acontece de forma curricular para as crianças dos Anos Iniciais (período matutino: 1º ao 5º ano e duas turmas do período vespertino: 2º e 5º ano), para os alunos dos Anos Finais (7º, 8º e 9º ano) e para os alunos em Restrição¹ (7º e 8º ano que frequentam a escola no período matutino). A música atinge a escola no gênero primário e secundário.

Por outro lado, sou também professora colaboradora da disciplina Estágio na Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, local que vejo como privilegiado para a formação inicial de professores e para a pesquisa. Através dos estágios supervisionados a Universidade pode contribuir para a ampliação do repertório cultural e da reflexão sobre a qualidade de aprendizagens desenvolvidas na escola, mas também pode aprender com a escola.

Nessa função, venho observando e refletindo sobre as diferentes relações² que o estagiário vivencia durante seu período de estágio. E, dessa maneira, por diferentes motivos, este ano experimento dois lugares ao mesmo tempo: o de professora de música da escola municipal atuando como cooperante/supervisora de estágio e o de orientadora de estágio da Universidade.

Aceitei dois estagiários na escola municipal, que são meus orientandos na Universidade, em minha turma do 9º ano. Esse lugar é no mínimo convidativo a várias reflexões e sugestões, e por isso o compartilho.

O lado de professora de música municipal me obrigou a observar as contribuições dos estagiários para a formação da professora supervisora/cooperante e dos alunos da

¹Projeto Restrição- Baseado no Art. 10 § 1º- [...] que o estudante se obrigue à frequência no projeto de apoio pedagógico em ampliação de jornada escolar.

²Possibilidades e Limites do estágio em música aos ouvidos da orientadora. In: Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), 21, 2013 *Anais...* Pirenópolis: ABEM, 2013, p. 2021-2031

referida escola. O lado de professora-orientadora me obrigou a olhar novamente o diagrama que criei, mas também buscar Delors (2003) para refletir, caminhar, apoiar, ensinar, aprender e a me retirar, assim que necessário.

Penso que o estágio na escola é um momento muito especial, devido à necessidade do estudante ter que colocar seus conhecimentos e saberes em prática, além de adaptar-se ao contexto sociocultural e realizar um diálogo com os professores e alunos da escola.

Aprendizagens na Formação de Professores

A formação de professores é algo em constante movimento. Ora ela está em construção, quando ainda somos estudantes das universidades nos cursos de licenciatura, ora ela é permanente, quando somos profissionais atuantes e comprometidos com o nosso papel, e por isso realizamos leituras, pesquisas, reflexões e cursos de formação.

O “Relatório Jacques Delors” (2003) apresenta uma análise crítica da situação mundial e discorre a respeito de qual deveria ser o papel da educação para aquele momento³. A comissão sugere que a educação deve se apoiar em quatro pilares, pois é exigido dela fornecer “os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele” (DELORS, 2003, p. 89). Resumidamente, isso significa dizer que precisamos:

- a- Aprender a conhecer - Ter domínio do conhecimento, o que supõe aprender a aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento.
- b- Aprender a fazer - Ter capacidade de comunicar-se, de trabalhar com o outro e resolver conflitos.
- c- Aprender a conviver - Desenvolver a compreensão do outro e descoberta de si mesmo, proporcionando projetos comuns.
- d- Aprender a ser - Ter pensamento autônomo e crítico, promovendo experimentações de ordem estética, artística, desportiva, científica, cultural e social.

³Iniciado em 1993 e terminado em setembro de 1996.

Na literatura da educação musical existem diferentes maneiras de se refletir sobre as aprendizagens e/ou saberes (conhecimentos) necessários para a formação de professores. Hentschke; Azevedo; Araújo (2006), por exemplo, realizam uma análise sobre diferentes teorias sobre os saberes dos docentes na formação de professores. Para as autoras (ibidem, 2006, p. 57)

No ato de ensinar o professor não somente mobiliza saberes, mas efetivamente constrói novos saberes. Esses saberes não devem permanecer obscuros e restritos à sala de aula do professor, mas devem emergir da pesquisa, da reflexão sobre a prática, do diálogo entre os pares, do trabalho colaborativo entre pesquisadores e professores.

Para Bellochio e Beineke (2005), a construção da docência se dá através do conhecimento prático, ou seja, se aprende fazendo. Porém, na perspectiva do currículo, Penna (2007) sugere que os cursos de licenciatura, no caso música, devem formar profissionais capazes não só de tocar, mas com compromisso social, humano e cultural, compromisso de compreender as necessidades e potencialidades dos alunos e compromisso de acolher diferentes músicas, culturas e funções sociais da música.

Considero a formação de professores uma das atividades mais complexas, e o Estágio, o espaço privilegiado que possibilita ao estudante experimentar o velho e o novo, a teoria e a prática, as indagações e sugestões, as possibilidades e os limites. Mais que isso, realizar o diálogo com pessoas mais experientes que estão ali apenas para dar segurança e apoio aos imprevistos que podem acontecer.

Nessa linha de pensamento, vejo que o professor de música, os estudantes e a escola em si, podem e devem contribuir com a formação destes futuros professores, oferecendo-lhes um vasto campo, visto que estes têm orientação e supervisão durante todo o período de atuação, trazem atividades pensadas coletivamente e mais tarde, poderão fazer parte da própria equipe pedagógica daquele local.

Relações entre Escola e Universidade

Iniciei o ano na escola municipal sem ter acesso aos conhecimentos já adquiridos pelos estudantes nos anos anteriores. Na tentativa de aproximação com os estudantes,

sugeri estudarmos o tema Carnaval para depois realizarmos uma sondagem e descobrirmos por onde exatamente poderíamos desenvolver nossos trabalhos.

Uma semana depois, tiveram início também os trabalhos na Universidade, onde nos encontramos com os acadêmicos, fizemos divisões de turmas, apresentamos regras para a realização dos campos de estágio e ficamos aguardando a resposta de professores da Rede Municipal que abririam espaço para nossos acadêmicos.

Na Universidade, nos deparamos com problemas com o sistema que registra os alunos nas disciplinas e, na Rede Municipal, com muitas mudanças de local de trabalho entre os professores. Antes de oferecerem o campo de estágio para a Universidade, os professores da Rede Municipal precisam conhecer seus espaços, suas turmas e direção de ensino para depois abrir ou não espaço para os estagiários.

Para acordarmos um campo de estágio, é preciso coincidir um horário com as possibilidades de três ou quatro pessoas (se o estágio for feito em dupla). Ou seja, precisamos que o professor de música ofereça uma turma que ele relativamente conheça e saiba que será possível a aplicação do estágio do ponto de vista comportamental da turma, que o estagiário tenha essa disponibilidade de horário (sem aulas na universidade e condição de se locomover rapidamente para o campo de estágio), que o professor-orientador também tenha esse horário livre, visto ter que visitar o campo pelo menos duas vezes no semestre e que o professor-orientador e o estagiário tenham mais um horário disponível em comum para as orientações específicas, além das aulas da disciplina propriamente dita.

Tivemos opções suficientes para o número de estagiários, porém, tivemos também campos de estágios muito distantes da Universidade e muitas ofertas de campo em dias que atuávamos na disciplina, ou que o estagiário tinha compromisso com outra disciplina ou mesmo trabalho. Por esse motivo, Antônio e João⁴ resolveram realizar o estágio na escola Municipal em que eu atuo como professora.

Porém, naquele momento, eu já havia iniciado minhas aulas e meu projeto como professora na Escola Municipal. Minha aproximação com a escola e com os estudantes,

⁴Nomes fictícios.

como já mencionei, ocorreu através do Projeto Carnaval, a partir de perguntas: O que é Carnaval? Onde surgiu? Quais são as maneiras de se brincar o Carnaval? Quais os tipos de música e instrumentos que se tocam no Carnaval?

De acordo com as respostas, questionamentos e intervenções dos estudantes, fui apresentando uma cultura geral sobre o Carnaval. Ora o assunto inclinava para a parte histórica, ora para as práticas carnavalescas. Utilizei-me de aulas expositivas com áudios dos diferentes estilos musicais e vídeos do youtube (brincadeiras de salão, carnavais de rua, frevo, maracatu, trio elétrico e escolas de samba de diferentes estados).

Identificamos os instrumentos de maior evidência para nos aproximarmos do estilo. Tocamos, com os poucos instrumentos que temos na escola, algumas marchinhas. Também realizamos uma avaliação escrita e uma auditiva sobre o tema. Por fim, realizamos uma Sondagem Musical, pois segundo Souza (2000, p. 177) a Educação Musical deve considerar o ensino e a aprendizagem nos contextos sociais amplos, ouvindo

Os seus agentes a fim de verificar com que base operar em sala de aula, [...] (decidir) quais valores e tradições culturais devem ser incluídos e quais devem ser excluídos; ou seja, quais formas de conhecer e aprender que devem ser privilegiadas.

As questões da Sondagem foram montadas a partir da Matriz Curricular proposta pela Rede Municipal. Assim, tivemos algumas questões sobre classificação de fontes sonoras e instrumentos musicais; duração (sons longos e curtos; números de pulso de uma determinada canção); elementos da música (melodia, ritmo e harmonia); notação musical (escrita); estilo, gênero, períodos históricos (música de diferentes épocas) e gosto musical.

Durante os momentos musicais, avaliações e sondagem, os estagiários já estavam em sala de aula, no período que chamamos de observação. Vivenciei um estranhamento no lugar de professora de música. Sempre compartilhei minhas experiências com meus alunos/estagiários, mas entre contar e simplesmente mostrar uma prática, há uma diferença gigantesca. Sabia que meu desafio não era apenas mostrar uma aula criativa, dinâmica, alegre, mas também evidenciar domínio de sala e garantir a possibilidade real deles poderem assumir o grupo com prazer. Precisava mostrar, na prática, que um profissional

deve dominar os quatro pilares da educação acima descritos. Além disso, eu sabia que eles deveriam fazer um relatório de observação e, eu mesma deveria instigá-los a reflexões mais críticas. E a crítica poderia incluir minhas ações como professora daquela turma.

No primeiro relato de observação, Antônio, que já foi meu orientando em outro semestre, foi claro, objetivo e reflexivo. Porém, João, que ainda não me conhecia muito bem, escreveu bem pouco. Senti que ficou com receio de expor suas análises (reflexões sobre as ações). Como orientadora, precisei insistir que depois de descrever os fatos, deveria fazer uma reflexão e dizer se achou pertinentes os conteúdos, se a professora mostrou domínio do tema e se houve aceitação do grupo. Ou seja, que ele se soltasse mais na escrita e realmente colocasse o que observou e como observou. Este, talvez seja um ponto de perda para os acadêmicos, frente ao viés apontado de terem que criticar a própria orientadora.

Outras observações aconteceram. Outros relatórios. Sinto que João ainda tem receio de expor suas percepções e criar um conflito. Entendo seu lugar. Sinto que devo ensinar que existem formas de expressar conflitos que podem ser edificantes. E oferecendo esta possibilidade, tenho que estar pronta e aberta ao que virá. Isto gera angústia: será que conseguirei, enquanto orientadora da Universidade, sempre analisar a professora que está no texto de análise de meus acadêmicos de maneira dissociada e imparcial? Vejo nitidamente que precisaremos todos explorar mais o “aprender a conviver”. Será necessário termos confiança.

Chegou o momento dos estagiários assumirem as aulas. Nas primeiras intervenções mantiveram a proposta do tema Carnaval. Como meus alunos da escola quase não têm convívio com instrumentos musicais, os estagiários levaram seus instrumentos (guitarra e trombone de vara) e tocaram para eles. Já na primeira intervenção a relação “estagiários-alunos” foi ótima.

Em orientação, precisávamos decidir qual caminho tomar. Perguntas eram possíveis em minha cabeça: Explorar mais o tema? Quem deve decidir? Eu, professora de música? Estagiários sozinhos? Mudar de tema? Qual? E o que vamos fazer com a Sondagem realizada? Até onde posso ou devo interferir?

Opotei em compartilhar minhas questões com os estagiários. Conviver. Confiar. Foi fantástico!

Assumiram espontaneamente a análise da sondagem e apresentaram para a turma o perfil musical da sala. Optaram em explorar um pouco mais o tema, trouxeram informações e texto sobre a marcha rancho. Trouxeram o Hino da cidade, que é uma marcha rancho, em diferentes roupagens. Também trouxeram a canção “Partida” de Dorival Caymmi e tocamos todos juntos com os alunos cantando. A partir daí, começamos a trabalhar melodia, harmonia, contracanto. Nesse momento, posso afirmar: enquanto professora de música aprendi a aprender. Não conhecia as diferentes versões do Hino da cidade e meus alunos também não. Foi interessante observá-los. Perceberam que o agrupamento de alguns instrumentos pode nos ajudar a definir o estilo. Além disso, perceberam que o andamento e a letra também podem ser um referencial. Assim, ficou mais fácil distinguir uma marchinha de uma marcha rancho.

Continuei eu a aprender a aprender, pois, além desse conhecimento, os estagiários me proporcionaram entender que, conforme Martin-Barbero (2004, p. 353-354) afirma, a escola precisa se inserir nos processos de mudanças que acontecem na sociedade contemporânea, não desmerecendo a cultura letrada, mas reivindicando a seu lado a presença da cultura oral e da audiovisual. Segundo o autor, neste novo panorama, o professor deve ser

...formulador de problemas, provocador de interrogações, coordenador de equipes de trabalho, sistematizador de experiências, e memória viva de uma educação que, em lugar de aferrar-se ao passado, destaca e possibilita o diálogo entre culturas e gerações.

Outra intervenção e a ausência de Antônio. João se sente um pouco inseguro pela falta do colega, mas, mesmo assim, mantém o planejamento. Percebo que seu jeito mais tímido e de menor convivência com o espaço escolar fazem-no realizar perguntas à turma e ele mesmo responder. A turma reage bem, acompanha sua linha de pensamento e se dispõem a realizar a atividade, mas com pouca consciência do que fazem. Uns com atenção, outros na desordem e nas conversas paralelas.

Ao perceber o estagiário perdendo a sala, entro no trabalho e foco a atenção para mim. De repente, vai acabar a aula e eu percebo que voltei a ser a professora de música e ele, apenas um estagiário que está me acompanhando. Fico com este pensamento que me incomoda.

Em orientação, pedi que me contasse como se sentiu, mas ele se mantém tímido. Resolvo abrir o jogo e colocar minha angústia. Ele não percebeu que estava perdendo a turma. Coloquei então, meu erro em protegê-lo e minha necessidade de me afastar. É preciso que ele perca a sala. Somente assim aprenderá que ser professor, não é só tocar! Anunciei que estava muito desconfortável com a situação e que pretendia escrever sobre isso. Disse-me que pensaria mais e também escreveria.

Outros textos vieram e outras ações também, porém esses pequenos encontros já me proporcionaram a necessidade de buscar teóricos que me levem a reflexões e ajudem em minhas ações.

Considerações Finais

Aprender [...] é o modo como os indivíduos constroem modelos mentais dos universos que os cercam (inclusive universos musicais), e que lhes permitem mover-se, planejar e expandir seu conhecimento e sua compreensão. (HARGREAVES; ZIMMERMAN, 2006, p. 250-251).

A partir das reflexões sobre formação de professores e as contribuições dos estagiários nas aulas de música, compreendo que o professor da escola é convidado à pesquisa. É convidado também a revisitar sua história, seus conhecimentos e estar aberto a novas propostas e desafios. Entra, obrigatoriamente, em um espaço de desconforto e por isso, precisa se mexer.

A liberdade que o professor oferece ou não ao estagiário, o apoio pedagógico pelo tema escolhido, assim como sua competência tanto técnica como de criar possibilidades (improviso), o domínio de sala, de conteúdo e de suas emoções (humor), a consciência que ele tem de seus próprios limites, serão amplamente registrados e compartilhados. Isso gera desafios e conhecimento.

Não há como ignorar que temos que estar abertos a ouvir críticas, ato muitas vezes difícil e que houve um prejuízo na totalidade da observação pelo fato de eu ter desempenhado o papel de professora e de orientadora, o que pode ter inibido críticas mais consistentes que poderiam agregar valor a todo processo.

Do ponto de vista experimental e estatístico, todo estudo tem vieses que devem ser amplamente abertos e discutidos. Porém, ainda considero que os ganhos em conhecimento colaboraram positivamente à minha contínua formação, incluindo o reconhecimento do viés apontado.

Por sua vez, os acadêmicos ganham na experiência de conviver com uma professora da Universidade que fundamenta os conhecimentos necessários com a professora supervisora/cooperante, que são modelos de continuidade de práticas.

Para ser professor é preciso experimentar novos sabores e saberes, é aprender todo dia o “aprender a conhecer”, o “aprender a fazer”, o “aprender a ser” e o “aprender a conviver”. Nesse sentido, tornar-se professor é uma ação contínua. Mais que isso, é desenvolver habilidades, é “substituir o saber objetivo, que puramente se transmite e se aprende, por saberes profissionais capazes de criar no profissional caminhos próprios para desenvolver estratégias” (MATEIRO, 2003, p. 37).

Concluo que o estágio é uma grande oportunidade de pesquisas e reflexões que atingem e fortalecem os conhecimentos de todos os professores e estudantes envolvidos, tanto da escola como da universidade.

Referências

ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar**: O fim dos vestibulares. Campinas, SP: Papirus; Rubem Alves M.E., 2000.

BELLOCHIO, C. R.; BEINEKE, V. Aprendendo a planejar: um estudo sobre a construção do conhecimento prático por estagiários de educação musical na UDESC/SC e na UFSM/RS. In: Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical, 14, 2005, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Abem, 2005. p. 1-7. 1 CD-ROM.

DELORS, J. **Educação**: um tesouro a descobrir. 2 ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003.

HENTSCHKE, Liane; AZEVEDO, Maria Cristina de Carvalho C. de; ARAÚJO, Rosane Cardoso de. Os saberes docentes na formação do professor: perspectivas teóricas para a educação musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v.15, p. 49-58, Set. 2006.

HARGREAVES, D; ZIMMERMAN, M.- Teorias do desenvolvimento da aprendizagem musical, In: **Em busca da mente musical**: ensaio sobre os processos cognitivos em música- da percepção à produção. Beatriz Senoi Ilari (org); colaboradores Beatriz Raposo de Medeiros...[et al.]. Curitiba: Ed. Da UFPR, 2006, p. 231-269.

MARTIN-BARBERO, Jésus. **Ofício de cartógrafo**- Desafios culturais da comunicação à educação. São Paulo, Loyola, 2004, p. 322-354.

MATEIRO, Teresa da Assunção Novo. O comprometimento reflexivo na formação docente. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v.8, p. 33-38, Set. 2003.

PENNA, Maura. Não basta tocar? Discutindo a formação do educador musical. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v.16, p. 49-56, Marc. 2007.

SCHROEDER, Silvia C. N. Brincando com a música: uma proposta para a formação e atuação musical do professor de pré-escola e séries iniciais do ensino fundamental. In: XVI Encontro Anual da Abem. Congresso Regional da ISME na América Latina. Educação Musical na América Latina: concepções, funções e ações. Campo Grande/MS. **Anais...**8 a 11 de outubro de 2007.

SOUZA, Jusamara. **Música, Cotidiano e Educação**. Org. Jusamara Souza; Adriana Bozzetto...[et al.]. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da UFRGS, 2000.